

# OS "YARAS" (CIVILIZADOS)

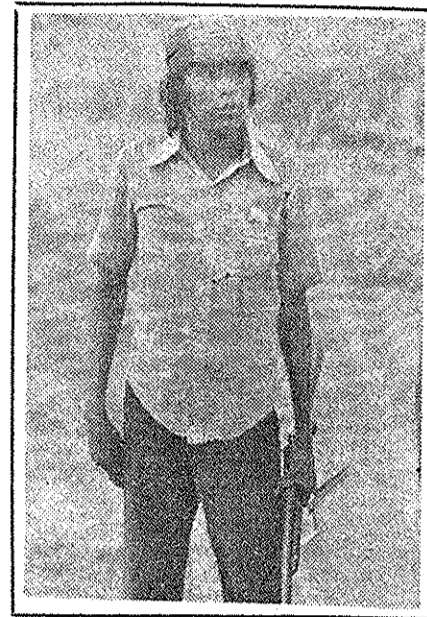
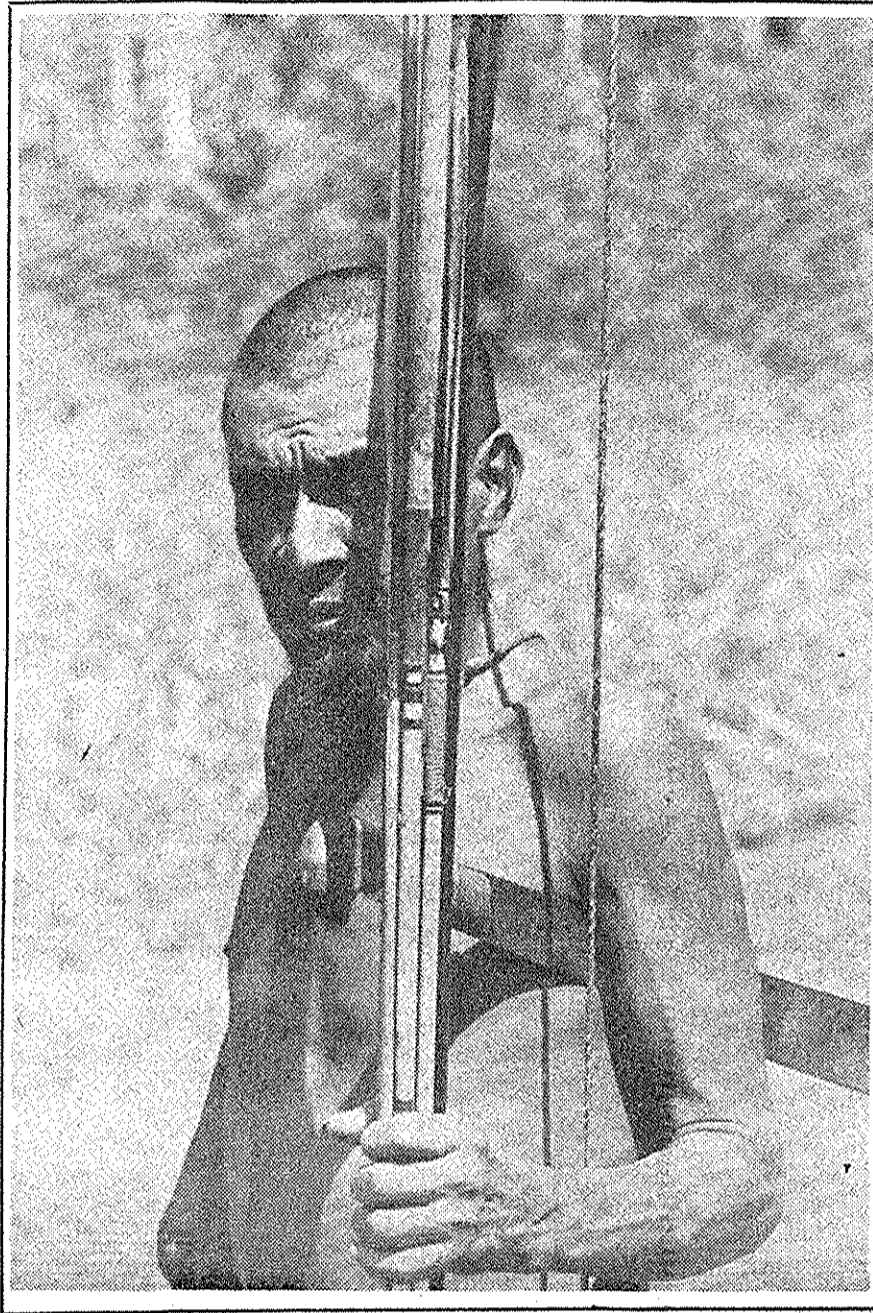
Texto e fotos de Edilson Martins  
Enviado especial

JB-14.08.76

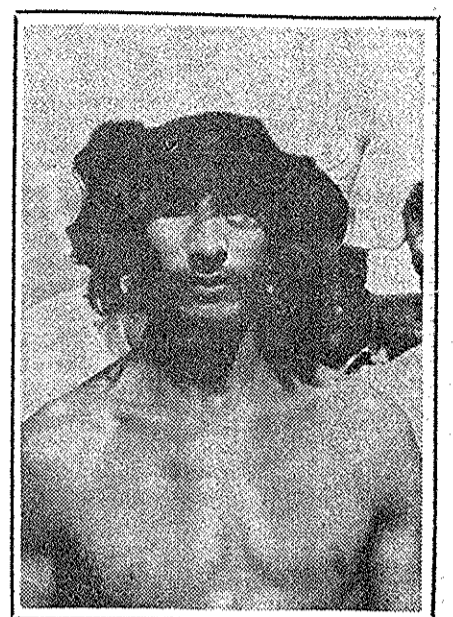
## PREPARAM-SE PARA MATAR



O coordenador da Divisão Territorial Técnica do INCRA, Reinaldo Modesto, mostra aos posseiros a área que eles terão de abandonar e as novas alternativas de ocupação.



Os índios garantem que saberão reagir aos ataques dos colonos invasores de suas terras.



O posseiro Jair Sequeira, que afirma ter sido baleado pelos índios.

**NA VILA DE CACOAL, SELVA DE RONDÔNIA, O SERTANISTA APOENA MEIRELES ABANDONA DESOLADO A REUNIÃO NA QUAL OS POSSEIROS SEQUER ADMITIRAM EXAMINAR A PROPOSTA DOS REPRESENTANTES DA FUNAI, DO INCRA E DA POLÍCIA FEDERAL PARA QUE DEIXEM AS TERRAS DOS ÍNDIOS, QUE INVADIRAM: - DAQUI PARA A FRENTE TODOS SABEM O QUE VAI ACONTECER. É A MORTE.**

JB-14.8.76

CADERNO

# B

**P**OSTO indígena Riozinho, Parque Nacional do Aripuanã, Rondônia — Um fracasso, a reunião realizada na vila de Cacoal entre representantes do INCRA, da Funai, Polícia Federal e 400 dos mais de 5 mil posseiros que ocupam ilegalmente o território dos índios suruí, ao longo da Rodovia Cuiabá—Porto Velho.

Os posseiros já realizam disparos de arma de fogo, nas proximidades das malocas dos índios e na reunião de Cacoal sustentaram a sua posição de intransigência: "Só abandonaremos as terras desses bugres se passarem por cima dos nossos cadáveres". A proposta levada ao encontro pelos homens do INCRA, da Funai e da Polícia Federal sequer foi examinada em sua totalidade. O coordenador da Divisão Territorial Técnica do INCRA, Sr Reinaldo Modesto, perdeu o controle da condução dos trabalhos. No final, sob um sol de mais de 40 graus, ninguém se entendia. A firma Plantel, que executa a demarcação da área, retirou da região sua equipe de 20 homens "por total falta de segurança" — segundo o engenheiro Heleno Dornelas, supervisor da empresa.

O sertanista Apoena Meireles, o único a apresentar, sem resultado, uma proposta concreta em Cacoal, deixou às pressas o local, declarando: "Daqui para a frente todos sabem o que vai acontecer. Talvez só após a morte de pessoas que não sejam posseiros ou índios, se tomem medidas objetivas. Essa reunião foi um fracasso e, a partir de agora, eu e minha equipe de sertanistas estamos mais vulneráveis à ação criminosa dos posseiros. Tornamo-nos conhecidos, fomos identificados individualmente, e a própria Polícia Federal concordou em que não são poucos os jagunços entre os posseiros.

A Polícia Federal se encontra na área. Mas o seu poder de interven-

ção é reduzidíssimo: os posseiros somam no mínimo 5 mil homens, em sua maioria com imensa experiência em ocupação e conflitos de terras, enquanto o contingente federal não vai além de 60 agentes. Segundo fontes da Polícia, os posseiros, que procedem em sua maioria do Norte do Paraná, têm ampla vivência de terras conflitadas e muitos apresentam antecedentes criminais. O coordenador da Divisão Territorial Técnica do INCRA (ITT), Sr Reinaldo Modesto, revelou que estão chegando a Rondônia 900 famílias por mês. "É um êxodo incontrolável e um fluxo migratório curioso e dramático; não são grupos que se deslocam do campo para as cidades, e sim do campo para o campo".

O escritório do INCRA em Porto Velho informou que cerca de 80 famílias estão ocupando as terras indígenas. O executor do Projeto Fundiário do INCRA, capitão Sílvio Faria, disse que "essa gente, se houver acordo com a Funai, pode muito bem ser deslocada para outra área indígena, de forma a não criar problemas com os índios". Uma visita à área invadida mostrou o quanto o INCRA estava, no mínimo, desinformado. Há, na área interdita pelo Decreto Presidencial n.º 73 562, de 24/1/1974, pelo menos 600 famílias de invasores. Esse número *caduca* semanalmente, segundo fontes da Polícia Federal. Novas famílias continuam a chegar diariamente, em caminhões *pau-de-arara*, que trazem não mais a figura exaustivamente conhecida do nordestino, e sim homens altos, de olhos claros, cabelos loiros, segunda, terceira, quarta gerações de alemães, poloneses, italianos. Procedem dos Estados do Sul.

Cada um tem sua visão deturpada dos indígenas. Curioso ver esses homens loiros, no meio da floresta amazônica, sob um sol que à sombra ultrapassa os 40 graus, a derrubar árvores de 50 metros de altura, lutar contra os mosquitos, a malária, os

ataques de índios. A maioria é semi-analfabeta, quase todos moldados na luta pela terra nos Estados sulinos. Há entre eles jagunços, matadores profissionais. A maioria, entretanto, veio no rastro das fantasias criadas em torno da colonização da Amazônia. Disseram-lhes, em carta, ou *de boca em boca*, que essa região é o *eldorado* do século XX. Pouco tendo a perder, venderam tudo o que tinham. Aqui encontram uma terra nova, ainda pouco explorada e em alguns trechos bastante fértil.

Está desencadeada assim a corrida indiscriminada à Amazônia. Mais de 60% dos 1 mil 158 seringais do Estado do Acre já foram comprados por paulistas, que derrubaram suas árvores, queimaram seus solos, e os estão vendendo em forma de lotes, ganhando o dobro, senão o triplo, num processo especulativo até então desconhecido.

Nesse processo de ocupação, as únicas áreas que resistem são as das nações indígenas. Quem percorre hoje a Amazônia num monomotor, voando a uma altura de 100 a 200 metros, vê de perto a devastação. As estradas ao forçarem a *barragem* de rios e igarapés, derrubando árvores, estão modificando inteiramente o quadro ecológico da região. Em Rio Branco, Capital do Acre, há 98 dias não chove. Hoje, na vila de Cacoal, no Km 480 da BR-364 (Cuiabá—Porto Velho), a poeira nunca cessa, invade as casas, torna marrom as folhas de bananeiras ao longo da estrada. Nos 1 200 km da BR-364, mesmo de dia há de se viajar com os faróis do carro permanentemente acesos.

**N**ESSE quadro todo a atuação do INCRA, pelo menos em Rondônia, não tem sido das mais adequadas. O coordenador da Divisão Territorial Técnica (DTT) do órgão, Sr Reinaldo Modesto, alega que no caso da invasão do território dos suruí, por par-

te dos posseiros, "apenas fornecemos cartões de identificação. Aqui mesmo em Cacoal dissemos a toda essa gente que esses cartões não tinham valor de ocupação. Os posseiros plantaram, derrubaram árvores, sabendo que o faziam em terras indígenas."

Na verdade é muito difícil explicar a um posseiro, semi-analfabeto, que esse cartão, que situa o número de sua gleba, particulariza seu lote, traz o carimbo e a assinatura de um funcionário do INCRA, não constitui um documento de ocupação. Se esse pessoal se encontrava em área interdita, por que fornecer tal documento, que para ele significa um instrumento de ocupação?

Hélio Martins, casado, nascido em Minas, afirma que pagou Cr\$ 1 mil ao funcionário Marcos Azambuja, do INCRA, para poder adquirir o lote n.º 90, na linha 11 do Projeto Integrado de Colonização. Alzênio Schreiner, gaúcho, casado, dois filhos, pagou Cr\$ 25 mil por uma gleba de 100 alqueires paulistas, na linha 8 do PIC. Ele dispõe apenas de um recibo de Cr\$ 5 mil, embora afirme ter pago cinco vezes mais. O recibo em seu poder está assinado por Edson Vieira Araújo, da firma de loteamento Itaporanga, que *grilou* 1 milhão 200 mil hectares somente em Rondônia. André Kumm, com o lote n.º 146, na linha 10, casado, dois filhos, afirma que "quem me colocou aqui foi o INCRA. *Joguei* todo o meu dinheiro aqui. Não digo que não saia. Agora, não posso é perder. Estou sem dinheiro, sem nada. Por isso não tenho a perder, até meus filhos já estão grandes."

A reunião de Cacoal, na verdade, serviu apenas para ensinar mais uma lição aos posseiros: "Unidos, não abrindo mão dessa ocupação, dificilmente poderão nos expulsar. Somos no mínimo 2 mil homens armados, no meio do mato. Acho difícil uma força que queira nos enfrentar." A declaração é do posseiro Justino Freitas Sousa, que compra e revende terras pertencentes aos índios. Outros posseiros informaram que ele emprega 12 jagunços. Foi ele o maior responsável pelo fracasso da reunião entre INCRA, Funai, Polícia Federal e colonos invasores. Em dado momento, quando o diretor do Parque Nacional do Aripuanã, Apoena Meireles, explicava aos posseiros que "compreendemos a situação dos Srs, e abrimos mesmo mão de outro trecho do território indígena, desde que desocupem a atual área", Justino aos gritos, perguntou: "Os companheiros acham que bugre tem direito a essa terra toda? Eles não querem nada com trabalho. De minha parte, não troco um só filho meu por todos os bugres deste país." Foi muito aplaudido.

O engenheiro Heleno Dornelas, da firma demarcadora Plantel, que teve os trabalhos suspensos por duas decisões de força dos posseiros, retirou todo o seu pessoal da área e vai mandá-lo para o posto indígena do rio Roosevelt, no Parque Nacional do Aripuanã, por total falta de segurança. "Da primeira vez" — afirma o supervisor da Plantel — "dois homens, dizendo-se representantes dos posseiros, ordenaram que minha equipe não poderia continuar demarcando a região. Já na segunda ocasião, mais de 30 homens exigiram a retirada urgente de todo o grupo da Plantel. Os

técnicos ainda retrucaram, mais ouviram a seguinte advertência: "Saíam, se não quiserem virar defuntos."

Na reunião de Cacoal, que contou com a presença de cerca de 400 posseiros, apareceram apenas os que têm cartão de identificação de parcelheiros do INCRA e admitem um diálogo com as autoridades. A maioria não dispõe desse cartão e invadiu a área "no peito", como se costuma dizer por aqui. Não quer saber de diálogo com nenhuma autoridade nem admite sair do mato. Está armada e é radical. Já começa a cercar as malocas dos índios, disparando de dia e de noite, certamente como forma de intimidação. Mas ignora que os índios decidiram resistir e não lutarão nas condições impostas pelos civilizados. Mamuia, Itabira, Iamacochin, ala jovem dos suruí, já estão pensando em construir malocas em pontos distantes, para evitar um massacre desfechado pelos posseiros.

— Suruí não vai morrer de uma só vez com ataque de *yara* (civilizado) afirma Kádio. *Yara* vai ter que matar suruí um por um. Suruí vai dar muito trabalho ainda a *yara*. *Yara* é muito ruim. *Yara* mata suruí há muito, muito tempo. Por que *yara* faz isso se suruí nunca foi à cidade matar *yara*?

O posseiro Jair Sequeira, nascido no Espírito Santo, ocupante de lote no Km 5 da linha 12, conta que os índios invadiram sua casa, atirando e lançando flechas. Das 10 flechadas nenhuma lhe acertou o corpo, o que constituiu quase um milagre, levando-se em conta que eram 28 índios, segundo seu depoimento, e chegaram a cercá-lo no quintal da casa. Dos tiros de chumbo, apenas um lhe acertou as costas.

A maioria dos posseiros ouvidos ao longo da zona invadida, garante que sofreu ataque indígena. Todos chamam o índio de *bugre*. Preguioso. Indolente. Nessa área invadida nem a Polícia Federal ousa entrar. Percorre-la é correr riscos. A melhor forma de penetrá-la — e são poucos os que o ousam — é se dizer amigo do Deputado federal, por Rondônia, Jerônimo Santana (MDB). Mas é preciso fornecer algumas referências, comprovar essa afinidade com o parlamentar.

Na reserva indígena, interdita, por decreto presidencial, à ocupação de civilizados, as lavouras são muitas e muitos os rebanhos de gado bovino. Muitas casas estão fechadas, os posseiros agressivos, os índios revoltados, acompanhando os passos e movimentos de todos os *yaras*, sem serem vistos.

Ao percorrer esse trecho, pedia que os índios tivessem boa memória. Há dois anos estivera em sua aldeia, nas margens do rio Sete de Setembro.

Três dias depois, quando contei na aldeia suruí a Dick-Boba, capitão da tribo, essa minha esperança, ele riu muito e perguntou:

— Como suruí vai saber quem é *yara* bom, quem é *yara* ruim? Se *yara* anda de roupa, como vamos conhecer o cheiro e lembrar corpo de *yara*?

### A MORTE POR AMOR

Orelia, índio suruí, matou por ciúme e revolta. E adoeceu. Ele vivia com a jovem Arminda Krugel, 16 anos, descendente de alemães. A moça abandonou a civilização e foi viver no mato, entre os índios, por amor a Orelia. O casal tomava banho nas águas límpidas do rio Sete de Setembro e percorria à noite, de mãos dadas, a selva sob a Lua.

Um dia, a família de Arminda Krugel raptou-a da aldeia suruí, Orelia ficou triste e revoltado. O então diretor do Parque Nacional do Aripuanã, Laércio Alcântara, decidiu incluir numa expedição, para ajudá-lo a apagar da memória as recordações da jovem *yara* (civilizada) loira e de olhos verdes. A expedição retornou, trazendo Orelia ainda mais triste. No dia 31 de julho, ele andou dezenas de quilômetros, foi à casa de Arminda, na cidade, e matou a machadadas Satilo Krugel, primo da moça. Em seguida adoeceu. Na versão da aldeia, é o espírito do morto que lhe está fazendo mal. Orelia deita-se numa rede e ali fica três, quatro, cinco dias. Suando muito, com febre de 39 graus, não come nem fala: — Orelia não quer comer; Orelia tá muito ruim — é tudo o que diz.